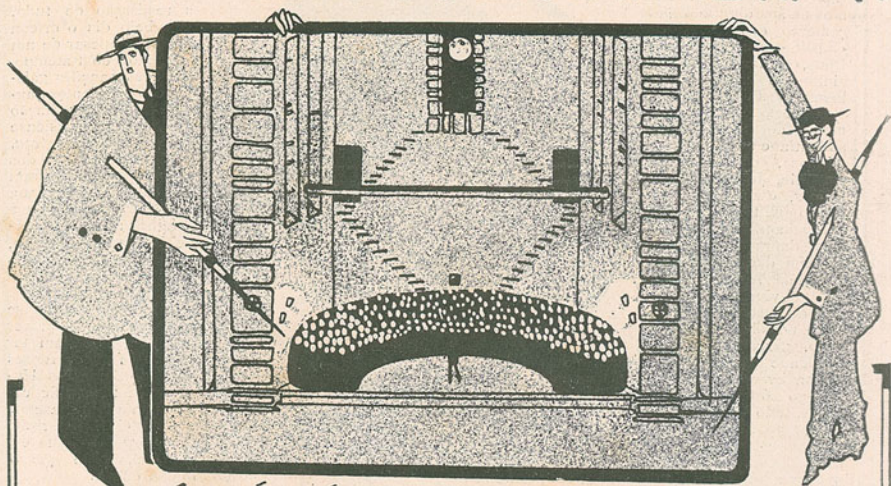


:O ORFEON DE COIMBRA:



Correia Dias

(—Desenho de Correia Dias—Antonio Joice, desenho de Balha e Melo)



—A confiança maxima ao serviço d'uma realidade insuficiente lá foi chamando os moços e esforço após esforço cresceu o animo e o interesse real foi-se desenvolvendo quando já os rapazes começavam a preocupar-se demais com a politicagem, para poderem dar esperanças de homens honestos, de futuro. De modo que o orfeon não vale sómente pela manifestação artistica, vale tambem como causa unificadora de energias que ameaçavam perda e elemento isolador de influencias perniciosas que, nos maus estudantes de hontem, faziam prevêr os pessimos homens praticos de amanhã.

—Até se conse uir, porém, o conjunto admiravel que fez cobrir de aplausos a mais generosa de quantas iniciativas a alma dos novos ha imaginado, quanto trabalho, que martirizante canceira a de organizar e disciplinar umas centenas de temperamentos irrequietos e aptidões varias, que glorioso esforço o de ensinar a cantar e mais o de fazer sentir todo um turbilhão de almas abrindo para a vida!

—Eu tenho para mim que a alma do artista é tanto mais admiravel quanto mais se aproxima das outras almas, que a sua obra é tanto mais bela quanto mais faz nos outros a sede da Beleza e que se ha sacrificios para louvar é o do homem superior procurando entender ao maior numero a ação emocional das

creações do seu espirito. Conceber, plasticibar e baixar a obra á admiração dos poucos que a compreendem e serão capazes de a viver não é tudo.

A primeira aspiração do artista deve ser que o publico deseje aproximar-se da sua obra.

Antonio Joice assim o entendeu e á organização do orfeon academico seguiu-se o despertar do gosto pelo canto coral e por aí fora novos orfeons se foram creando semelhantemente. As primeiras viagens foram simples pretextos para aplausos e no entusiasmo do triunfo nasceu a necessidade de ir mais



longe. D'aqui a cooperação com João de Deus Ramos na sua obra e o lançamento das bases do «Jardim-escola João de Deus,» o mais delicioso ninho de crianças que meus olhos viram.

O Porto e Lisboa afirmaram ao orfeon a sua simpatia e entrou de admirar-se, conjuntamente com ele, João de Deus Ramos, o espírito esclarecido que tão bem soube aproveitar praticamente essa admiração.

— Um dia sonhou-se ir até além Atlântico levar aos que vivem a dolorosa vida do desterro, as canções nostálgicas da sua terra, garganteadas pela mocidade da Coimbra lendária n'uma evocação...

Logo sonhos, preparativos, fantasias, tudo o que a alma nova pôde ter ao fugir d'uma cidade de tristeza e sombras para um paiz maravilhoso, que do nosso tem tudo menos a pequenez e a miséria. E como a viagem prometia demoras e todos acorriam a afirmar as vantagens que d'ela podiam provir para o estreitamento das relações intelectuaes dos dois paizes, preparou-se tudo para a ausencia.

Afinal o imprevisto proibiu a partida, já depois de tudo preparado e mais uns lamentos de adivinhação ficaram até que a resignação veio para esquecer, findo o ano.

Com novo ano, energias novas e Antonio Joice ainda vieram planos novos. Depois o grito heroico da revolução que aí fez vibrar tudo ansiosamente, teve eco no orfeon. Além das viagens sabidas ao Porto e a Lisboa, olhou-se de longe Paris, o rodopio borbulhante de almas endiabradas, o mercado do espirito gracilimo, a cidade do Louvre e de Versailles, das *co collés* e dos *apaches*, de Anatole e de Rodin, a capital, em



Correia Dias

fim, da republica franceza. A seu tempo houve a realização de tudo. Um belo dia o orfeon abalou e apesar de um pequeno contratempo, entre as canções gaiatas dos estudantes francezes e a admiração curiosa do parisiense ante os *sans chapeau*, chegou a Paris. Se dos rapazes poucos foram os que se prenderam a visitar os museus e a admirar as obras de arte de que Paris é cheio, esses ao menos fizeram-no conscientemente, estouto certo d'isso.

Muitos mais, se se dessem ao grato prazer da boca aberta, poderiam ter mostrado aos frequentadores do Louvre, do Salon dos Humoristas, etc., interesse ficticio por uma arte que nem a todos fascina. Mas, felizmente para eles, preferiram afirmar ao Paris *boulevardier* que em amor não eram acanhados e que o amor não tem lingua oficial.

O orfeon cantou e cantou bem as canções portuguezes desconhecidas do estrangeiro que gosta da dolencia da nossa musica popular nas suas variações de provincia para provincia.

E quer-me paracer que no Trocadero os que tiveram a dita de escutar as rapsodias, os côros da Serrana, a Morena, a Portuguezia e a Marselheza cantadas com superior emoção n'uma voz clara, balouçando-se da caricia dolente ao sacrificio resignado, da virilidade forte ao entusiasmo elanguescente mas sempre com a macieza dolente da nossa alma, ficaram a acreditar que não tinha razão o impiedoso francez afir-



Correia Dias



1—A Naná. Tipo do Bairro Lat (Desenho de Correia Dias) 2—Fernandes Costa, (Desenho de Balha e Melo)

3—Nuno Simões, (Desenho de Correia Dias) 4—Chico Menano, (Desenho de Balha e Melo)



Um baixo: Balha e Melo
(Desenho de Correia Dias)

mando que a África começava para cá dos Pyreneus.

—Os cronistas da viagem com mais ou menos esperança da gargalhada publica, na volta fizeram blague sobre a absoluta ignorancia do francez por parte de creaturas que nos liceus estafaram tres anos a gramatica do sr. Gonçalves Viana. Correram anedotas picarescas sobre a falta de conhecimentos artisticos dos estudantes e as entrevistas sobre a viagem não deram impressões novas, repetiram apenas o que um humorista qualquer para aí escreveu ácerca da viagem aos *boulevards* de um soloio abastado.

Este ano (o ultimo infelizmente) voltou de novo a preocupação da ida ao Brazil.

Agora, todas

as noites, ali na velha egreja de S. Bnto, sob a direcção do Joice no entusiasmo de sempre, os ensaios correm, os esforços reúnem-se como no primeiro dia, como para a primeira viagem.

Afirma-se com todas as probabilidades de exito que se realizará o velho sonho.

Não sei ao certo: Se uma viagem de almas é sempre um grande acontecimento porque significa um motivo de enuavações e sentimentos a ida do orfeon ao Brazil representa por uma circumstancia especial o maior successo na vida do orfeon. Vamos á nação irmã, apertar laços que o mar não logrou partir. E não é só a colonia portugueza para quem ha acima de tudo um pedaço de céu preferido ou a mocidade do paiz amigo são todos os brasileiros que sabem

sentir-
artistas e
homens
de letras
que que-
rem a
nossa
ida.

Ao Brazil de
Coelho Neto,
Olavo Bilac,
Vicente de
Carvalho,
Euclides da Cunha
e outros em que surge

agora uma geração cheia de força e de talento com Olegario Mariano, Alvaro Moreyra, Mario Pedreira e Aristides Maia, levamos não só um documento da nossa cultura mas também uma homenagem de simpatia que bem a merece a nação irmã saudando-nos na hora da duvida, ao primeiro impulso comovido logo

após a revolução.

Lisboa voltará em poucos dias a ouvir o orfeon que

cantará Wagner, Massenet e Saint-Saens. E na despedida (o Joice formase este ano) não se esqueceu do Alentejo e do Algarve. Evora e Faro escutal-o-hão a seguir a Lisboa. E com que entusiasmo todos hão-de aplaudil-o adivinheiro eu que ainda ha pouco ouvi a nova rapsodia de canções portuguezas em que esta incluida o *Solidão* do Alentejo.

Nuno Simões,



2—Correia Dias, autocaricaturista
3—Manuel Bivar (des. de C. Dias)
4—O Sanzia (des. de Balha e Melo)